

A CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO NA INFÂNCIA: SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

COLACITI, Alethéa Kennerly

Coordenadora-Adjunta e Psicóloga da C.E.P.P.A.

Clínica-Escola de Psicologia e de Pesquisa Aplicada – FASU/ACEG – Garça/SP – Brasil

e-mail: lekenciti@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica sobre o autoconceito na infância. Busca, através de um breve relato de caso, demonstrar a importância deste para o processo de desenvolvimento da criança.

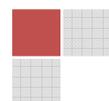
Palavras – chave: autoconceito; infância; desenvolvimento psicossocial.

ABSTRACT

The aim of present article is to show a bibliographic review on auto concept during the youth. It attempts to show its importance during the child growth process using a brief case-study.

Key-words: auto concept; youth; psycho-social growth.

1. INTRODUÇÃO



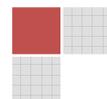
Este estudo tem como objetivo discutir a questão proposta no título – a construção do autoconceito na infância – ; para isso utilizei-me da revisão bibliográfica como suporte e apresentei um caso clínico para ilustrar.

Um conceito é uma idéia, uma noção, algo em que se pensa. Antes de discutirmos as manifestações de um autoconceito negativo e a necessidade de melhorar o autoconceito da criança, faz-se necessário apresentarmos a definição de autoconceito. De acordo com Sánchez e Escribano (1999), autoconceito é a atitude valorativa que um indivíduo tem sobre si mesmo, sobre sua própria pessoa. Trata-se da estima, dos sentimentos, experiências ou atitudes que o indivíduo desenvolve sobre seu próprio eu.

O autoconceito, certamente, desempenha um papel central no psiquismo do indivíduo. É de suma importância para a experiência vital, para a saúde psíquica, para a atitude para consigo mesmo e para com os demais e, principalmente, para o desenvolvimento construtivo da personalidade. Segundo Machargo (apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit., p. 13), a Psicologia *“considera necessário ter um autoconceito positivo para que o indivíduo consiga uma adaptação adequada, para a felicidade pessoal e para um desempenho eficaz”*.

Ao nascer, o bebê tem sentimentos maravilhosos quanto a si mesmo; contudo, após algum tempo, a forma como a criança se sente em relação à si mesmo é determinada, principalmente, pelas mensagens preliminares provenientes dos pais acerca de si própria, tendo em vista que é a própria criança que traduz tais mensagens para si.

Hans Ginnot (1965 e 1969, apud OAKLANDER, 1980) diz que quando uma criança sustenta que é estúpida, feia ou má, não há nada que se possa dizer ou fazer para alterar imediatamente essa auto-imagem, uma vez que a opinião arraigada que uma pessoa tem de si mesmo resiste às tentativas diretas de manifestação.

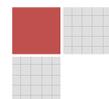


Nem sempre é fácil encontrar a fonte da baixa auto-opinião de uma criança. Às vezes, as mensagens enviadas pelas pessoas significativas à criança e que são recebidas por esta são muito vagas e sutis. Às vezes, a criança as ornamenta com o próprio material fantasioso. Às vezes, resultam de e são reforçadas por situações e eventos, sobre os quais os pais não tinham controle, ou nem sequer tinham conhecimento. E, além dos eventos particulares de cada história pessoal, a falta de respeito que a nossa sociedade nutre pelas crianças, como seres humanos, serve para deteriorar o senso de valor próprio da criança.

As crianças manifestam sua baixa auto-estima de muitas maneiras diferentes. Elas podem nem estar conscientes de que não se sentem muito bem em relação a si mesmas, embora saibam que algo está errado. A baixa auto-estima pode ser expressa através da necessidade de vencer, querer coisas demais, comer demais, sentir-se incapaz de fazer escolhas e tomar decisões, nunca dizer não, entre outras formas de expressão.

Quando se atende uma criança em psicoterapia, tem-se a oportunidade de devolver-lhe o seu "eu", pois num certo sentido um autoconceito pobre é a perda do senso de si mesmo. Tem-se a oportunidade de ajudá-la na busca pelo controle com o seu próprio potencial, de ajudá-la a sentir-se em casa no mundo. Pode-se ajudar a criança a abandonar suas mensagens negativas e reformular as positivas. Ao recuperar seu senso de eu, a criança pode, então, lançar-se totalmente no processo de explorar e descobrir todas as coisas de seu mundo.

As crianças possuidoras de uma baixa auto-estima necessitam de muitas atividades que envolvam experiências com os seus sentidos, focalizando as diferenças e semelhanças entre elas próprias e objetos, animais, pessoas, frutas e vegetais. Por intermédio da consciência das diferenças, elas podem começar a se enxergar com um novo apreço, passando a ver, abordar e estabelecer contato com outros sob este mesmo prisma. A consciência corporal é básica para o sentido forte de eu.

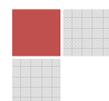


A imagem corporal é um aspecto importante da auto-aceitação. A maioria das crianças que possui um baixo conceito de si mesmas, não está apenas pouco familiarizada com os corpos - com sua forma de sentir, com aquilo que pode fazer - mas também, geralmente, não gosta de sua aparência (ou do que pensa que é a sua aparência). No processo psicoterápico infantil, pode-se realizar atividades que envolvam desenhos de auto-retrato, olhar-se no espelho, conversar com a imagem no espelho, olhar velhas fotografias do tempo de bebê, olhar fotografias mais recentes, desenhar um contorno do corpo numa folha grande de papel, entrar dentro do corpo em fantasia, e assim por diante.

A partir de muitas pesquisas, sabe-se, hoje, que é de suma importância uma auto-estima positiva para o comportamento social, afetivo e intelectual adequado. Quando não possui um autoconceito adequado, uma pessoa não pode estar aberta às suas próprias experiências afetivas e, principalmente, aos aspectos desfavoráveis de seu caráter. De acordo com Oaklander (1980), por outro lado, uma pessoa com baixa auto-estima não se mostra como é frente aos outros e sim representa para eles os papéis que considera oportunos, em cada momento. Aspectos como auto-determinação ou a independência afetiva, também, são afetados negativamente pela carência de um autoconceito bem desenvolvido. A falta de auto-estima influi, de forma notável, no bem-estar espiritual, no próprio nível de satisfação e, acima de tudo, na própria saúde e capacidade psíquica.

Em suma, possuir ou não um autoconceito forte tem tanta influência sobre a relação da pessoa consigo mesma, quanto sobre seus relacionamentos com os outros.

Efeitos do autoconceito sobre a própria pessoa



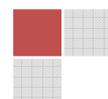
O autoconceito influencia, de forma decisiva, em como uma pessoa percebe os conceitos, os objetos e as outras pessoas de seu meio. Incide, consideravelmente, portanto, no comportamento e nas vivências dos indivíduos.

Conforme Machargo e Burns (1982;1991, apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit.), o autoconceito é um conjunto de atitudes que a pessoa tem para consigo mesma. Esta atitude constitui-se de três componentes:

a) Cognitivo: o componente cognitivo do autoconceito é o que a pessoa vê quando olha para si mesma, o conjunto de características com as quais descreve a si mesma e que, embora não sejam necessariamente verdadeiras e objetivas, orientam seu modo habitual de ser e de se comportar.

b) Afetivo: são os afetos, emoções e avaliações que acompanham a descrição de si mesmo. Este componente coincide com o que Coopersmith (1967, apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit.) define como auto-estima. Para este autor, auto-estima é a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo e que tende a se manter; expressa uma atitude de aprovação ou de repulsa e até que ponto o sujeito se considera capaz, significativo, bem-sucedido e valioso. A auto-estima é, portanto, o juízo pessoal do valor que está expressa nas atitudes que o indivíduo tem para consigo mesmo.

c) Comportamental: o conceito que uma pessoa tem de si mesma influi, claramente, em seu comportamento cotidiano. O autoconceito condiciona a forma de se comportar. A pessoa se guia em sua conduta pelas qualidades, valores e atitudes que percebe em si mesma. O homem costuma se comportar de uma forma que esteja de acordo com seu autoconceito. Porém este não afeta apenas seu comportamento. É como se o indivíduo visse, ouvisse e avaliasse tudo através de um filtro. Segundo seu autoconceito, percebe determinados estímulos do



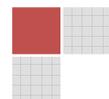
mundo circundante ou os ignora. Sendo assim, ele influi em sua percepção apreciativa. O indivíduo percebe os estímulos e as experiências como tais, mas a importância a eles atribuída depende do conceito que ele tem de si mesmo.

Os psicólogos humanistas, segundo Atkinson (1995), interessam-se pelo modo como os indivíduos sentem-se e percebem a si mesmos, em termos de valor pessoal. A teoria do conceito pessoal assume uma abordagem mais cognitiva à fenomenologia do indivíduo.

Efeitos do autoconceito sobre as relações interpessoais

O autoconceito influencia na relação com os outros. Uma pessoa com um bom conceito de si mesma, ou seja, um indivíduo que assume todas as experiências de sua vida, que não ignora ou distorce suas percepções, que não mostra grandes discrepâncias entre seu eu real e ideal, adota menos atitudes de defesa, é mais aberto. Percebe de forma mais autêntica a realidade e aceita com maior facilidade os outros. Ao contrário, as pessoas com um conceito negativo de si mesmas e com uma percepção apreciativa distorcida, são companheiras difíceis. Com frequência, estão na defensiva e suas tensões internas tornam complexo o contato com elas.

O autoconceito não é mais um elemento da personalidade e sim um fator fundamental. Possuir uma consideração adequada de si mesmo é importante para o bom funcionamento do psiquismo humano. Entretanto, o autoconceito não é algo inato, ele se desenvolve e evolui. Assim, torna-se importante conhecer como se dá esta evolução e quais as características de seu desenvolvimento em cada etapa da vida.



2. A CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Segundo Machargo (1991, apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit.), o autoconceito é construído e definido ao longo do desenvolvimento graças à influência das pessoas significativas do ambiente familiar, escolar e social, e como consequência das próprias experiências de sucesso e de fracasso.

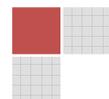
De acordo com este mesmo autor, existem duas teorias principais sobre a formação e o desenvolvimento do autoconceito. São as seguintes:

a) Simbolismo interativo (Teoria do Espelho)

Segundo esta teoria elaborada por Cooley e Mead (1902;1934, apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit.), o autoconceito é uma consequência das avaliações realizadas pelas pessoas do ambiente mais próximo. O indivíduo se vê refletido na imagem que os outros lhe oferecem de si mesmo, como se eles fossem um espelho. O indivíduo acaba sendo como os outros pensam que ele é. Neste processo, todas as pessoas que cercam a criança não têm a mesma influência na formação de seu autoconceito. Assim, nos primeiros anos, ela recebe a informação sobre si mesma quase que exclusivamente dos pais e dos familiares próximos. Sem dúvida, à medida que a criança cresce, aparecem outras pessoas significativas como os professores, os colegas e os amigos.

b) Aprendizagem social

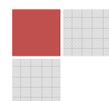
Esta teoria considera que a criança adquire o autoconceito por meio de um processo de “imitação”, através do qual incorpora em seus próprios esquemas as condutas e as atitudes das pessoas que são importantes para ela. A criança, ao identificar-se com elas, imita-as e faz suas as características que lhes pertencem.



Assim, vai formando um conceito de si mesma parecido com o das pessoas que a cercam.

A pesquisa empírica parece fundamentar ambas as explicações teóricas. Sem dúvida, a Teoria do Espelho dominou a literatura sobre o tema. Esta teoria, contudo, oferece uma imagem excessivamente passiva da formação do autoconceito, posto que a criança se limitaria a receber influências e avaliações comportando-se, assim, como um ser passivo e meramente receptor. Entretanto, isto entra em contradição com a realidade da criança, que é um ser ativo, criativo e experimentador. Não se pode negar nem diminuir a importância do fato de que os resultados de suas próprias ações e experiências servem como critério na formação do conceito de si mesma.

Outro dado interessante, que pode ser depreendido de ambas as teorias, é a importância que os outros indivíduos significativos (pais, professores, colegas e amigos) têm na sua formação do autoconceito. A partir das manifestações e das ações dessas pessoas, as crianças adquirem consciência de serem indivíduos dignos de apreço ou de desprezo. Assim, os pais desempenham um papel central na formação do autoconceito de seus filhos. De suas atitudes para com eles, depende, em grande medida, a autovalorização que as crianças desenvolvem. Numerosos estudos demonstram o fato. Deste modo, foi possível observar que as crianças com pais afetivamente carinhosos e atentos costumam ter um grau maior de auto-estima do que os filhos de pais afetivamente frios e desinteressados. Também, foi observado que existe uma relação importante entre, de um lado, os comentários depreciativos, pessimistas e negativos que os jovens fazem sobre si mesmos e, de outro, a falta de atitudes carinhosas demonstradas por seus pais. Coopersmith (1967, apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit.) descobriu que os jovens que possuem uma auto-estima elevada têm, em comparação com aqueles com uma auto-estima baixa, pais que os apreciam, os aceitam e os consideram dotados de algum valor.



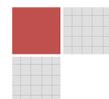
Quanto ao mundo escolar, é preciso ressaltar sua importância. A criança passa uma grande parte de seu tempo na escola, com os professores e seus colegas. O aluno se vê envolvido em múltiplas experiências e situações de êxito ou de fracasso recebe, sistematicamente, a influência de seu professor e dos colegas de turma. Nos anos de escolaridade obrigatória, o professor aparece aos olhos dos alunos como uma pessoa especial, significativa, revestida de um prestígio que lhe dá um notável poder de influência, que se reflete na formação do autoconceito, especialmente do autoconceito acadêmico. Os colegas, por sua vez, condicionam, em grande medida, a estima que a criança desenvolve sobre si mesma. Sua aceitação ou rejeição e o valor que lhe é atribuído, incidem sobre a formação de sua auto-avaliação.

Fica claro, portanto, que o autoconceito se desenvolve ao longo da vida. Como já assinalado, não é algo com o qual se nasce, mas sim algo que vai se formando, paulatinamente. Então, quais seriam as etapas dessa evolução? Quais seriam as propriedades que caracterizam cada um dos períodos de vida?

Dois enfoques ou modelos que explicam a evolução do autoconceito:

1 - Enfoque cognitivo: segundo o qual, o desenvolvimento do autoconceito é um processo que reúne, ao mesmo tempo, mudanças quantitativas e qualitativas. À medida em que passam os anos, o autoconceito vai ampliando seu conteúdo e o sujeito percebe uma maior quantidade de características de si mesmo, tanto físicas, quanto psíquicas e sociais. Estas características serão cada vez mais diferenciadas com o passar do tempo.

2 - Enfoque ontogênico ou evolutivo: que procura descrever como o autoconceito emerge e se delinea, percorrendo as diferentes etapas do desenvolvimento. À medida que a criança vai crescendo, seu autoconceito vai se formando e se cristalizando. Entretanto, isto supõe que, em cada período da vida, o autoconceito



possui características específicas que é preciso conhecer, para poder avaliar esse construto e intervir quando necessário. Estas características serão apresentadas a seguir, acompanhando a descrição de cada etapa do desenvolvimento do autoconceito, de acordo com L'Ecuyer (1985, apud SANCHÉZ e ESCRIBANO, op. cit.).

O autor propõe seis etapas ou pontos de referências: de 0 a 2 anos, de 2 a 5 anos, de 5 a 10-12 anos, a adolescência (12 a 15-18 anos), a vida adulta (de 20 a 60 anos) e as pessoas de idade avançada (acima de 60 anos).

Aqui serão enfocadas somente as etapas de 2 a 5 anos e de 5 a 10/12 anos.

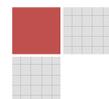
De 2 a 5 anos

O surgimento da linguagem marca o começo de uma fase de consolidação da imagem de si mesmo. Inicia-se o uso dos termos “eu” e “meu”, o que indica uma consciência mais precisa de si mesmo e uma clara diferenciação frente aos outros.

Por volta dos 2 anos e meio, produz-se a fase do surgimento do negativismo. Um dos objetivos principais destes anos é a aquisição de um sentimento de autonomia. Através da negação, a criança consolida esta consciência de si mesma, manifesta sua individualidade e reforça sua sensação de valor pessoal.

A criança precisa desenvolver uma confiança básica em seu ambiente, principalmente, em seus pais e um sentido de autonomia dentre algumas normas e regras. Assim, produzem-se comportamentos, muitas vezes, paradoxais. Por um lado, a criança precisa identificar-se com o adulto e, por outro, precisa aumentar seu sentimento de identidade pessoal.

Por último, são de grande importância, neste período, as reações das pessoas importantes para a criança frente à evolução física e psíquica que ela



está experimentando. Delas dependem as elaborações que venham a fazer sobre seu valor pessoal, sua competência, sua capacidade etc..

Em suma, como assinala L'Ecuyer (op. cit., loc. cit.), a etapa dos 2 aos 5 anos é caracterizada pela elaboração das bases do autoconceito. Tais bases se formam a partir das aquisições, a linguagem, a identificação das pessoas significativas ou importantes. Por sua vez, as reações das pessoas significativas influem sobre o sentimento de valor pessoal que a criança vai formando.

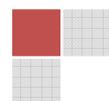
De 5 a 10/12 anos de idade

Este período é denominado de expansão de si mesmo. O mundo escolar, ao qual a criança chega neste momento, a grande variedade de experiências que lá se apresentam, ressaltam as insuficiências do eu que foi adquirido, até este momento. Toda a vida escolar (seus novos colegas, os professores etc.) traz para a criança novas vivências, dentro das quais ela deve aprender a se situar.

Trata-se de uma fase rica, intensa, em que vai acumulando e hierarquizando toda uma variedade de imagens sobre si, que repercutem sobre seu sentimento de identidade. Assim, o autoconceito se torna mais realista e rico, definindo-se e delineando-se em virtude das experiências, exigências e expectativas que o mundo escolar propicia.

Características do autoconceito na infância

A característica fundamental da infância é que se trata de um momento de implantação e de consolidação do eu, seguido do início de uma expansão de si mesmo. Conhecido este fato, destaca-se sua importância. O eu está criando suas bases e qualquer desajuste ou problema que se produza neste momento pode ter conseqüências negativas no adulto de amanhã. Não há dúvida, portanto, sobre a relevância que adquire sua avaliação com o fim de intervir se necessário.



Os aspectos mais característicos deste período são quatro:

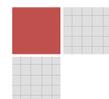
I - Autonomia

Neste momento, a criança precisa conseguir uma clara diferenciação dos outros. Deseja obter um sentimento de valor pessoal, garantir sua individualidade. Postulada por Erik Eriksson (1976), em sua Teoria das Oito Idades do Homem, a autonomia, nesta idade, pode ser entendida de diferentes formas:

- a) Sentimento de independência. Em que sentido pode e quer se sentir independente uma criança de 5/6 anos? A resposta é fácil: nos atos que realiza diariamente, amarrar os sapatos, vestir-se sozinho etc., frente a alguém que a auxilia nessas tarefas cotidianas.
- b) Autovalor. A criança já realiza, nessas idades, muitas atividades e sabe distinguir muito bem se as desempenha corretamente ou não. O sentimento que possui de seu valor pode se refletir em sua percepção de como ficou o personagem que desenhou: bonita ou feia? Precisa que a ajudem quando monta um quebra-cabeças ou sabe fazê-lo sozinha etc..
- c) Sentimento de posse. A autonomia não deve ser entendida, nesse período, apenas como um processo de independência dos adultos, mas também com um sentimento de posse, por exemplo, de um número maior de coisas e de coisas mais bonitas do que os outros, inclusive de mais amigos do que os outros.

II - Confiança

Ao mesmo tempo em que a criança luta por sua independência, procura a segurança, precisa ter confiança, também postulada por Erik Eriksson (op. cit.), em sua Teoria do Desenvolvimento Psicossocial do homem que, no ambiente, em sua família, em seu potencial, precisa de um lugar estável onde possa buscar um refúgio para seus sentimentos.



- a) Segurança. Sente medo no escuro? Gosta de cachorros ou assusta-se quando latem? Etc.. A pergunta fundamental seria: sente-se seguro em seu meio ambiente ou não?
- b) Família. A criança busca a segurança, principalmente, em sua família. É necessário saber se ela se sente querida ou não por seus pais e, também, se acredita que faz algo para que gostem dela.
- c) Sentimento. Como se sente a criança, alegre ou triste? Querida pelos outros ou rejeitada?

III - Evolução física

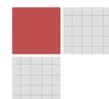
A criança é muito consciente das mudanças físicas que estão acontecendo, de sua aparência e de sua competência física em comparação com seus colegas. Existem, portanto, dois elementos importantes:

- a) Aspecto físico. Sente-se alta ou baixa? Gorda ou magra? Suja ou limpa? Bonita ou feia? Etc..
- b) Competência física. É hábil ao competir fisicamente? Ou, ao contrário, chega quase sempre por último nas corridas? Cai? Etc.. Diferentes estudos demonstram uma melhoria do autoconceito das crianças que foram colocadas em um programa de atividades esportivas. É importante que, na escola, se programe o esporte de forma que as crianças participem com gosto e sem um sentimento de fracasso ou de aborrecimento.

IV - Mundo Escolar e Social

Com o começo de sua freqüência na escola, a criança começa a abrir-se para um mundo novo, o mundo escolar em particular e o mundo social em geral.

- a) Escolar. É importante saber se a criança percebe a si mesma como hábil em seu trabalho escolar ou não, atenta ou distraída, faladora ou comportada, interessada pelos temas ou não etc..



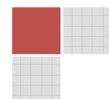
- b) Social. Como percebe sua relação com as outras crianças, elas a aceitam? Rejeitam-na? Está acompanhada ou sempre só? Etc..

Todos e cada um destes aspectos são constitutivos do autoconceito de uma criança de 5/6 anos. Não se pode pensar neste construto como um ente unidimensional, mas sim, que existe uma série de elementos concretos que incidem, um por um, em sua evolução e seu desenvolvimento.

Breve relato de um caso

Dada a complexidade do processo psicoterápico e a complexidade do indivíduo em si, este relato de caso apresenta apenas, de forma sucinta, aspectos do processo que estão, diretamente, relacionados ao tema em questão, neste artigo.

Em 01/06/2001, iniciou-se o atendimento do paciente R. F., do sexo masculino que nesta data tinha 4 anos de idade, na Clínica-Escola da Universidade Paulista, Campus Bauru. Ingressou, inicialmente, no processo Psicodiagnóstico Infantil, no qual a mãe apresentou as seguintes queixas sobre a criança: desobediência, agressividade, hiperatividade, manifestações excessivas da sexualidade e enurese. Através de relatos da mãe e dos dados apresentados na anamnese realizada pela mesma, observou-se eventos importantes que estavam diretamente relacionados às queixas apresentadas sobre a criança: os pais do paciente R. F. haviam se separado há 8 meses e, desde então, as queixas apresentadas tiveram seu surgimento e seu agravamento. Diversos instrumentos de avaliação foram aplicados e os resultados foram significativos para o trabalho psicoterápico:

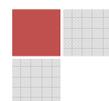


- HTP: é uma criança ajustada, autocentrada, insegura, com sentimentos de culpa e sentimentos de perda afetiva; presença de um ego bastante forte com traumas psíquicos; superestimação de si mesmo; desejo de inter-relação e afirmação social.
- CAT-A: necessidade de alimentação e auto-afirmação.
- Colúmbia: Índice de Maturidade condizente com a idade cronológica do paciente, com tendência a ser acima da média esperada para tal idade.
- Técnica Projetiva de Desenhos e Histórias de Walter Trinca: dificuldade em lidar com a separação dos pais e contínuo conflito existe entre eles.
- Teste Desiderativo: existe harmonia entre o idealizado e o desvalorizado; utiliza da idealização do esquema corporal, a fim de vencer conflitos intrapsíquicos; fortaleza com respeito ao funcionamento do ego.

Em 09/11/2001, ao final do processo Psicodiagnóstico foi proposto um trabalho psicoterápico individual breve com o paciente em questão; o foco terapêutico foram suas forças egóicas e suas potencialidades, para que pudesse ser auxiliado na superação de conflitos relacionados à separação dos pais, e ajudá-lo a promover a continuidade da construção de seu autoconceito.

Em 23/04/2002, iniciou-se o Atendimento Psicoterápico Breve Infantil com o paciente R. F., tendo sido finalizado em 25/06/02, completando 10 sessões psicoterápicas.

Durante este processo psicoterápico, R. F. tinha 5 anos de idade. Utilizou-se diversas técnicas, como desenhos projetivos, com os quais trabalhou-se a situação concreta e os sentimentos que envolviam a separação dos pais, a ausência da figura paterna. Através de sua representação do seu próprio eu, trabalhou-se com o paciente sua auto-estima, sua auto-imagem e seu autoconceito. Trabalhou-se com desenhos livres com lápis de cor e pintura a dedo, em busca dos objetivos acima citados.



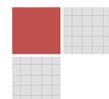
Em sua última sessão, trabalhou-se com a técnica de recorte de figura feminina e masculina. R. F. recortou uma figura, representando-o como homem belo, bem-vestido, forte, de estatura alta, o que fornece indícios de que o paciente apresenta uma boa auto-estima e um ótimo autoconceito, que, por diversas vezes, durante o processo psicoterápico, o paciente verbalizou, dizendo-se bonito, forte e inteligente.

Em resumo, acredita-se que o autoconceito construído pelo paciente R. F., durante os seus primeiros anos de vida, foi essencial para que houvesse êxito com os objetivos propostos para o processo psicoterapêutico, ajudando-o certamente a superar suas dificuldades emocionais relacionadas a separação dos pais e aos seus conflitos intra-psíquicos instalados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na infância, a problemática do autoconceito assume um caráter muito especial, na medida em que é nesta fase que são implantados elementos básicos de personalidade, que poderão acompanhar e influenciar as ações de um indivíduo pelo resto de sua vida. Neste sentido, o autoconceito pode ser visto como uma síntese da personalidade, apresentando, portanto, uma evolução variável conforme uma gama diversificada de fatores internos e externos.

De acordo com Prekop (1999), a criança consiste não apenas em tendências isoladas, em aceitação e assimilação de estímulos, em sentimentos e em seu sensorio psíquico, em processo neuroquímicos e sua capacidade de locomoção, mas também em todos esses e outros componentes e suas ligações variáveis entre si, “entrelaçados” num sistema dinâmico e sempre único. Do conjunto dessa personalidade, faz parte, também, sua relação com o ambiente, o modo de sua adaptação e imposição ao meio. Outra dimensão absoluta do conjunto é a do tempo, no qual todos os processos evolutivos amadurecem,



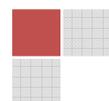
gradativamente, numa ordenação hierárquica das etapas. O desenvolvimento amplo de um nível superior só pode iniciar-se depois que o anterior foi concluído ou estruturado, sem lacunas. Isso vale tanto para o desenvolvimento da capacidade sensório-motora e do raciocínio, quanto para o desenvolvimento dos sentimentos e da capacidade de relacionamento. Nenhuma etapa acaba. Cada uma é enriquecida pela superior, da mesma forma que as raízes não desaparecem quando o tronco cresce para cima.

Apenas, depois de conseguir uma confiança em seu ambiente, a partir do relacionamento com a mãe, é que, mais tarde, a criança consegue confiar nos outros e em si mesma. Se recebeu amor suficiente, posteriormente, também, poderá dar amor. Se recebeu apoio de seus pais, será capaz de desenvolver seu próprio apoio interior e de oferecê-lo aos outros, sendo essa a base de construção do autoconceito da criança.

A fim de juntar forças para novos empreendimentos, para lançar a ponte do inconsciente para o eu e depois conseguir sentir-se como eu, que a criança usa a vontade para ser “tãããã grande” com os outros, para brincar, falar, cuidar de si mesma e dos outros; para limitar o eu do você e desenvolver uma vontade para o despreendimento, a criança quer não apenas espaços crescentes de liberdade que atendam suas decisões, mas também sempre a preocupação na “*secure base*”. A criança só vai estar em condições de amar e respeitar os pais se, em todas as ocasiões, souber que no lar também é incondicionalmente amada e respeitada. Então, recebe como “dote” para a vida um amor social próprio e um sentimento social de valor próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, R. L. **Introdução à Psicologia**. 11. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.



PREKOP, J. **O pequeno tirano**: os limites de que a criança precisa. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANCHÉZ, A. V. e ESCRIBANO, E. **Medição do autoconceito**. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças**: uma abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. 13. ed. São Paulo: Summus, 1980.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

